



SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE O COMUNISMO MARXISTA E O CRISTIANISMO PRIMITIVO

Moacir Almeida de Oliveira¹

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo identificar semelhanças e diferenças entre o Cristianismo Primitivo e o Comunismo Marxista, do século XIX, no que tange aos aspectos sociais. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizadas como fontes primárias, o Manifesto Comunista, de Karl Marx e Friedrich Engels, e os Evangelhos canônicos de Mateus, Marcos, Lucas e João, bem como Atos dos Apóstolos, também presente na Bíblia. Neste livro, é possível verificar tanto as formas de sociabilidade na comunidade cristã de Jerusalém, como o processo pelo qual se propagou e consolidou os ensinamentos de Jesus aos seus adeptos, principalmente no que diz respeito aos aspectos de solidariedade, os quais poderão ser identificados nos Evangelhos. Já o Manifesto Comunista apresenta a luta de classes engendrada pelo capitalismo e as propostas de ação, que viabilizaria a revolução socialista e a instauração de uma sociedade igualitária. Enfim, a partir de um primeiro levantamento bibliográfico, foi verificada a viabilidade do tema visto que existem obras que possibilitam a fundamentação teórica e factual. Através da análise dos dois arcabouços ideológicos, verifica-se um ponto de contato fundamental entre ambos que possibilita dar prosseguimento à investigação. Ou seja, percebe-se que há grande preocupação com o estabelecimento de igualdade social, mas o método para alcançar é diferente.

Palavras-chave: Cristianismo Primitivo. Comunismo Marxista, Ideologia.

1 Introdução

Serão apresentadas as semelhanças do cristianismo primitivo e o comunismo marxista no século XIX, bem como as oposições entre ambos. Trata-se de arcabouços teóricos apresentados à sociedade atual.

Os ensinamentos das duas teorias têm transpassado o tempo e influenciado vidas e sociedades. Apresentam-se como um conjunto de idéias de caráter universal e de grande impacto sobre o âmbito social.

Nossos objetivos com esta investigação serão apresentar as características do cristianismo primitivo e do comunismo marxista quanto ao ideário social; analisar as semelhanças e diferenças de natureza social entre ambos e apontar a possibilidade de conciliação mútua entre estas correntes ideológicas no tocante ao programa social. Através deste exercício de reflexão, poderemos aprofundar nosso conhecimento sobre estes dois modelos teóricos.

¹ Trabalho apresentado à disciplina de Prática VIII do curso de História, licenciatura plena, da FAPA Faculdade Porto Alegre como requisito parcial para aprovação final. Trabalho orientado pela professora Dra. Vera Lucia Maciel Barroso.

Mas quais as semelhanças entre o cristianismo primitivo e o comunismo marxista? Em que consistem as suas oposições ideológicas? Como se comportavam as sociedades de origem no período de surgimento destas ideologias? O que levou estes dois sistemas ideológicos a serem universalizadores? Quais os elementos que caracterizam esse eixo unificador?

Tentar-se-á responder essas questões em alguns pontos que ainda podem ser mais aprofundados. Para isso tratar-se-á do contexto histórico do Cristianismo e do Marxismo para compreender como se estabeleceram e vieram ao encontro da necessidade da sociedade em que emergiram. E também como o sistema ideológico conseguiu se enraizar na sociedade tendo seus reflexos até hoje.

Por conseguinte, abordar-se-á como estas correntes ideológicas projetaram e de alguma forma foi puseram em prática questões de âmbito social. E como isso foi visto por aqueles que não compactuavam os mesmos preceitos. Outro ponto que é de grande relevância são os métodos adotados para o expansionismo ideológico e sua internacionalização de ambas as correntes. Verificar-se-á as estratégias e meios que possam alcançar o máximo de pessoas o quanto antes para implantação ideológica.

Em relação as propostas propriamente ditas, serão analisadas as suas semelhanças e diferenças quanto a participação e/ou pensamento sobre o Estado. E como em qualquer proposta, seja ela política, religiosa, midiática, etc., sempre são usadas palavras ou frases de impacto que mobilizem a população. No Cristianismo e no Marxismo não foi diferente. Analisaremos como foi o impacto que suas ordenanças tiveram para mobilizarem à sociedade para abraçarem suas propostas.

Para a realização desta pesquisa foi necessária a instigação de fontes primárias para a base do tema a ser tratado e relacionado. Outras obras foram fundamentais para que se pudesse realizar este trabalho. Alguns de cunho sócio-teológico que fundamentaram a visão das sociedades cristãs e outras de marxistas contemporâneos que alargaram nossa visão sobre o pensamento de Marx.

Foi feita uma breve abordagem da sociedade judaica nesse período, pois os primeiros cristãos viviam em comunidades na palestina. Também foi tratada a sociedade europeia do século XIX, com relação à burguesia e ao proletariado, dentro da dialética materialista.

Por fim, as obras estudadas tratam do assunto em paralelo com as fontes primárias, analisando-se os tópicos mais importantes dentro do assunto referido, bem como o ponto de vista de cada autor e suas ponderações por um viés político e social.

2 Cristianismo

2.1 Contexto histórico

O cristianismo primitivo é uma religião que surgiu no primeiro século da nossa Era, na Palestina, como movimento das massas populares e marginalizado pela sociedade da época. Caracterizado pelo “desapego” ao material, defende a posse de bens de forma comunitária e é baseado em normas, em princípios éticos e fé; tudo baseado nos ensinamentos de Jesus².

Segundo Bottomore (1988), a teoria social cristã é uma teoria de ação, ou seja, uma filosofia de vida que fortemente influenciou a massa popular nos primeiros séculos - e caracteriza nossa sociedade ocidental. Já Charles Hainchelin (1935) diz que o cristianismo não pode ser considerado revolucionário por não trabalhar por vias do proletariado, mas por um viés sócio-religioso.

Flávio Josefo³ fala de várias correntes religiosas e grupos sociais dentro do judaísmo. A seita dos fariseus⁴ obteve elevada reputação diante do povo pela sua posição social e por sua religiosidade seguir a lei mosaica. Os essênios⁵ viviam isolados no deserto com uma prática ascética. Já os saduceus⁶ faziam parte da aristocracia judaica, com colaboração do Império Romano e influências helenísticas.

Josefo e González destacam duas correntes que predominantes: a militar que era desempenhada pelos romanos e a cultural pelos gregos. Essas predominações greco-romanas estavam fortemente implantadas na Palestina.

Apesar de algumas diversidades entre os fariseus, saduceus e os essênios, o eixo unificador entre elas era a de um monoteísmo ético e escatológico. Esse monoteísmo ético é baseado na crença em um único Deus que “requer a justiça entre os seres humanos”. Outro ponto em comum é a esperança escatológica, em outras palavras, a esperança messiânica.⁷

² KASCHEL, 1999.

³ JOSEFO, 2001.

⁴ Separavam-se do resto da comunidade judaica pelo cumprimento rigoroso das numerosas regras da pureza prescrita na Tora. Reuniam representantes de todas as classes sociais, principalmente artesão e comerciantes. Foram duramente criticados por Jesus por desprezarem a essência da Lei, enquanto davam extrema importância a suas minúcias formais. Mas sua crença na imortalidade da alma e na ressurreição do corpo parece ter influenciado a doutrina cristã. ARANTES, José Tadeu. *HISTÓRIA VIVA: Grandes religiões Cristianismo*, nº 1, p.16.

⁵ Composto por sacerdotes dissidentes e leigos exilados, viviam em comunidades ultra fechadas, como as que forma descobertas nas cavernas de Qumran. Considerando-se os únicos puros de Israel, levavam uma vida comunal. Praticavam rituais como o batismo e dedicavam-se ao trabalho manual na lavoura. Combatiam tanto os romanos quanto o poder do Templo de Jerusalém. E propunham uma guerra santa para instaurar o “reino dos justos”. ARANTES, José Tadeu. *HISTÓRIA VIVA: Grandes religiões Cristianismo*, nº 1. p.16.

⁶ Representam o poder, a nobreza e a riqueza. Grandes proprietários de terras e membros da elite sacerdotal, controlavam o Sinédrio, o conselho supremo de Israel. Em matéria religiosa, negavam a imortalidade da alma e aceitavam apenas o texto escrito da Lei (Tora) e não seus interpretações orais. Foram os principais responsáveis pela condenação de Jesus. ARANTES, José Tadeu. *HISTÓRIA VIVA: Grandes religiões Cristianismo*, nº 1. p. 16.

⁷ GONZÁLEZ, 2007, p. 19.

É esse contexto histórico que nasce a Igreja de Jerusalém, formada por judeus – e sem muita demora por gentios⁸ -, que começaram a se distanciar do judaísmo tendo por base a pregação do evangelho e a comunhão. O ápice dessa ruptura se deu por volta da década de 60 do primeiro século da era cristã, quando os líderes da igreja saem de Jerusalém com a finalidade de propagar o cristianismo, conforme a ordem de Jesus: “Ide, portanto, fazei discípulo de todas as nações...” (Mateus 28:19). Ao atender ao chamando da grande comissão do “Ide”, os apóstolos não tinham o objetivo de subverter a ordem social existente, mas trabalhar por um viés de uma reciprocidade ideológica sócio-religiosa.

O percussor dessa evangelização universal foi o apóstolo Paulo. O que se pode tomar por base dessa iniciativa de Paulo é sua cidadania romana (Atos 22:27,28), pois o Império Romano tinha um caráter universalizador.

Toda ideologia cristã do primeiro século esteve baseada nos ensinamentos de Jesus que, por sua maneira de agir e falar conquistou a simpatia de muitos, que, inclusive, tornaram-se discípulos. Ao analisar a escolha de doze dos seus discípulos, que serão chamados de apóstolos, pode-se perceber que estes homens não eram da elite judaica; não ocupavam cargos políticos. Neste sentido, é possível mencionar, como exemplo; Mateus, um cobrador de impostos do império romano; Judas Iscariotes e Simão, o zelote, associado ao movimento nacionalista; Pedro, Tiago e João, todos dedicados à pesca.⁹

Jesus ensinou que não bastava ter uma vida religiosa sem obras sociais: “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres...” (Mateus 19:21) e “Quem tiver duas túnicas, reparta com quem não tem; quem tiver comida faça o mesmo.” (Lucas 3:11) Orientações como estas ficaram marcadas na vida dos apóstolos, que mesmo após a ausência do mestre continuaram a praticá-las. E mesmo sendo contestada por muitos historiadores, os relatos do novo testamento seguem “siendo la fuente principal para la historia del cristianismo primitivo.”¹⁰

A igreja situada em Jerusalém e liderada pelos apóstolos era comunitária e eles “abdicavam o direito de propriedade privada.”¹¹ Segundo as informações contidas em Atos 2:44-45 “Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade.” Entretanto, esse modelo de vida não durou muito tempo, pois o que eles tinham eram os bens em comum e não um modo de produção em comum. Assim, logo urgiu

⁸ Gentios são “aqueles povos que não eram da família hebraica. Dum modo geral os gentios eram todos aqueles que não aceitavam que Deus tivesse revelado aos judeus, permanecendo eles então na idolatria.” BUCKLAND, 1995, p. 175.

⁹ CAVALCANTI, 2002, p. 54.

¹⁰ LOISY, 1948, p. 15.

¹¹ CAVALCANTI, 2002, p. 68.

a necessidade da ajuda das outras igrejas que tinham um modo de subsistência e produção.¹²

Frei Beto (1986) fazendo análise da igreja do primeiro século, ressalta que seu modo de vida era um comunismo primitivo e ela não tinha um projeto revolucionário para mudar a sociedade, mesmo sendo contra o sistema romano. Sua intenção não era a de ascender à uma nova classe social e tampouco pretendiam uma ascensão política. Pode-se compreender como uma forma de comunismo cristão.

A comunidade cristã de Jerusalém agregava diariamente, novos seguidores da nova fé. Os novos convertidos eram, em sua maioria, pobres e necessitados, mas por uma esperança religiosa se restringiam das necessidades materiais, pois com a crença de que a vinda de Cristo estava próxima não se interessavam por riquezas. Uma das demonstrações da abdicção de bens foi a de Barnabé, homem, cuja Bíblia narra, que possuía um campo e que ao vendê-lo deu o valor correspondente aos apóstolos. (Atos 4:34-36) Isto posto, é possível observar que mesmo com o fato de grande parte da população ser atingida pela pobreza, havia casos como o de Barnabé que cooperava para que minimizasse a necessidade entre os membros da comunidade cristã.

A visão social da igreja primitiva era nada mais que uma consequência da fé. Não era um fragmento de seus sermões, mas um modelo do Reino de Deus para as igrejas vindouras quanto ao seu desapego aos bens materiais e o amor solidário aos necessitados.¹³

Mesmo havendo certa hierarquia, as decisões eram tomadas de forma democrática na comunidade. Com a saída de Judas Iscariotes do apostolado, houve a necessidade de uma reposição. Em assembléia com toda a comunidade (cerca de cento e vinte membros) foi escolhido dois para um sorteio no qual Matias foi o sucessor de Judas. Com o crescimento da comunidade, outra assembléia foi organizada para elegerem homens que auxiliassem na administração da comunidade.

2.2 Âmbito Social

O cristianismo é uma religião de renovação intrajudaica, pregadora de uma igualdade total: “Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus” “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem mulher nem homem; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” (Gálatas 3:26,28)

Conforme Ströher (1996), os marginalizados pela sociedade e os que se opunham ao sistema religioso foram os que abraçaram essa causa. Estes que se sentiam rejeitados e

¹² CAVALCANTI, 2002, p. 55-65.

¹³ CLÉMENT, 1973, p. 59

aderiram a essa “nova” religião, foram as mulheres. Essas cooperavam, desde servirem as refeições até realizarem obras missionárias.

A sociedade cristã no século I tinha tangenciado temporariamente o patriarquismo,¹⁴ ou seja, sem a diferença entre homens e mulheres. Conforme Trocmé, o “cristianismo dos primórdios é muitas vezes como uma religião de mulheres, porque elas representavam a maioria dos membros.”¹⁵ Essa “vivência do ‘discipulado de iguais’ foi o mais desafiador paradigma da comunidade cristã”. E, como Ströer afirma, foi inevitável um “conflito com sociedade da envolvente”, ao ponto das comunidades não resistirem ao patriarcalismo, que se desdobrou numa diminuição da participação das mulheres na sociedade cristã.

O ponto vital é que o Cristianismo, ao seguir a máxima do “ama o próximo como a ti mesmo” (Mateus 19:19), plantou as condições para que pudesse haver a igualdade jurídica entre as pessoas – numa palavra, a liberdade – fundamento último de todo o sistema jurídico, político e econômico construído ao longo dos últimos dois mil anos. O Apóstolo Paulo já bradava aos quatro ventos que “Deus não faz acepção das pessoas.” (Romanos 2:11)

Até o governo do imperador Marco Aurélio (161-180), as comunidades eram constituídas principalmente de pessoas pobres, entre as quais predominavam escravos. Na comunidade não se fazia distinção de classes sociais. Os cristãos não criticavam a escravidão, pois esperavam para breve a vinda do Senhor, ocasião em que todas as distinções seriam eliminadas.¹⁶

As comunidades cristãs se destacavam por suas obras de caridade e serviços sociais. Assim, a assistência aos órfãos, doentes e viúvas, constituíam atividades, por elas, desempenhadas.

A comunidade romana era a que mais se destacava pela ajuda as demais comunidades e, provavelmente, grandes serviços foram prestados à comunidade de Jerusalém que vivia praticamente de doações. Com o passar do tempo e o crescimento do cristianismo, elementos de outras camadas sociais começaram a fazer parte desta crença religiosa, ocorrendo assim uma mudança na estrutura das comunidades.

Para não dizer que os cristãos aceitavam todo tipo de gente nas suas comunidades, havia certo preconceito com alguns profissionais como, por exemplo, os gladiadores, atores, prostitutas e etc. A participação militar também era rejeitada, pois alegavam que “Jesus tirou a espada de Pedro” e que também tinha que prestar “juramento, invocando os deuses, e venerar os lábaros.”^{17 18}

¹⁴ O cristianismo surgiu no meio da religião judaica, do sistema cultural grego e do militarismo romano. Todas estas sociedades eram patriarcais.

¹⁵ TROCMÉ, Étienne. *História Viva: os primeiros cristãos*, São Paulo, n. 17, ano 2, p. 43, 2005.

¹⁶ DREHER, Martin N. Coleção História da Igreja. São Leopoldo: RS. Sinodal, 1993, p. 31.

¹⁷ DREHER, 1993, p. 31-32.

¹⁸ Lábaro era um estandarte romano, uma bandeira.

Ströher relata sobre as casas dos primeiros cristãos como uma “esfera pública”¹⁹ e Cavalcanti diz que as reuniões nessas casas colaboravam “para a solidez da instituição familiar.”²⁰ Jesus raramente fez referência ao tipo de sociedade política a qual seus discípulos deviam aspirar. Ele não pretendeu ser um reformador sociopolítico, mas ao mesmo tempo, os ensinamentos de Jesus não puderam deixar de ter influências sociopolíticas ao serem observados por . Ele ofereceu boas novas aos pobres, liberdade para os oprimidos e vida abundante. (João 10:10)

2.3 Ideologia universalizadora

Podemos observar que no cristianismo há palavras de ordens, que nos leva a crer que foram fundamentais para a propagação de suas mensagens, por exemplo, o “IDE” de Jesus. (Mateus 28:19)

A mensagem pregada por Jesus, seguida e anunciada pelos seus discípulos teve grande êxito. O pioneiro nas expedições evangelísticas foi o apóstolo Paulo, que atendeu a ordem de Jesus a ponto de exclamar que “se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!” (I Coríntios 9:16).

De acordo com Savard “ao tornar-se discípulo de Jesus, e agora Paulo, converteu-se a mais uma vez em viajante com a missão de transmitir aos povos da bacia mediterrânea a certeza que daquele momento em diante era a sua: a Boa Nova do Evangelho.”²¹

Os missionários e mensageiros tinham de colocar as igrejas em contato. As comunidades cristãs constituíam, assim, famílias aumentadas; ofereciam abrigos e assistência material para quem estava em deslocamento.²²

Segundo Ströher²³, as casas dos convertidos foram importantes para o crescimento do cristianismo, pois as casas tinham sido transformadas em “centro de prática cristã”. Deixaram de ser apenas um local familiar e tornaram se espaço da comunidade, que serviam, ainda, de estabelecimento e hospedagem para os missionários.

No tocante à universalização dos ensinamentos de Jesus, Dacanal diz:

Quando Paulo de Tarso e os *helenistas* levaram à gentilidade, a religião de Javé, a boa nova de que o Rei de Israel do final dos tempos enfim aparecera, eles não tinham – nem poderiam ter – a mais pálida idéia do resultado futuro de sua ação missionária. Mesmo porque, para eles, não haveria futuro, pois o mundo estava às portas do fim²⁴.

A doutrina abria-se assim aos gentios, aos pagãos. Ao se dirigir à Igreja de Roma, que ele pretendia visitar, pois tinha a intenção de fazer dela o pivô da expansão do cristianismo no Ocidente. [...] Uma coisa é certa: em meados

¹⁹ STRÖER, 1996, p. 10.

²⁰ CAVALCANTI, 2002, p. 16.

²¹ CUVILLIER, Elian. *História Viva: os primeiros cristãos*, São Paulo, n. 17, ano 2, 2005, p. 38-39,

²² SAVARD, Aimé. *História Viva: os primeiros cristãos*, São Paulo, n. 17, ano 2, , 2005.

²³ STRÖER, 1996, p.39.

²⁴ DACANAL, Jose Hidebrando. *Eu Encontrei Jesus: viagens as origens do ocidente*. 2 ed. Porto Alegre: Leitura 21, 2004, p. 268.

do século I, o adágio “todos os caminhos levam a Roma” não era simples força de expressão. Nada podia ser feita nem existir fora da cidade. Roma era o centro do Império, o local para onde convergiam todos os mercadores e onde partiam, em direção às províncias [...].”²⁵

O que se pode perceber é que Paulo não teve a intenção de ir a Roma com um projeto revolucionário, mas pode ter ido com o objetivo de penetrar no centro do Império para divulgar o cristianismo.

Pode-se interpretar esta investida em Roma de duas maneiras. A primeira era a necessidade de usar o caminho de Roma para alcançar o mais rápido possível o Império com a mensagem cristã, pois se “todos os caminhos levam a Roma” de Roma também poderia ir para todos os lugares para alcançar a todos com a salvação. A segunda era a necessidade de estar mais próximo do imperador, pois nas sociedades antigas a religião do imperador ou do rei também era a religião do povo. Então, se o imperador romano fosse alcançado com a mensagem cristã e se convertesse ao cristianismo, todo o império deveria seguir sua religião. Todo o esforço dos missionários cristãos concentrava-se em alcançar o máximo de pessoas possível para que fossem salvas, já que o fim do mundo estava próximo.

O imperador romano Constantino foi um marco na consolidação do cristianismo como religião romana. A essas alturas, o cristianismo já estava disseminado em vários núcleos no mundo antigo. E como as bases estruturais do império estavam abaladas, “sua doutrina (a do cristianismo) era universal e podia servir de elemento ideológico unificador.”²⁶

3 Marxismo

3.1 Contexto histórico

Durante séculos, o pensamento do socialismo utópico foi o ideal para uma sociedade mais justa. Em linhas gerais a pretensão do socialismo era de alcançar uma igualdade das classes sociais pela concessão de bens das classes privilegiadas aos pobres e operários. Segundo José Felizardo, o proletariado não era uma classe revolucionária, mas “homens oprimidos, dignos de compaixão”.

O filósofo francês do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau, retrata que todos os homens no seu “estado natural” eram iguais. Mesmo sendo contra a propriedade privada, Rousseau reconhece que não se tem como evitar esse mal. Rousseau diz que “o primeiro que concebeu a ideia de criar uma parcela de terra e de dizer ISTO É MEU e que encontrou gente suficientemente tola para que o acreditasse, este foi o autêntico fundador da sociedade civil...”²⁷ O que se pode perceber, segundo Rousseau, é que a culpa pela criação

²⁵ PÉRES, Jaques-Noël. *História Viva: os primeiros cristãos*, São Paulo, n. 17, ano 2, 2005, p. 44.

²⁶ CAVALCANTI, 2002, p. 107.

²⁷ ROUSSEAU, 1954 apud FELIZARDO, 1978, p. 21.

da propriedade privada é do próprio homem, mas não do que a cria, e sim do que se cala e consente a decisão do primeiro.

O filósofo e político Karl Marx viveu no século XIX, período econômico e social bastante conturbado na Europa. Subversivos ao sistema capitalista, os socialistas observando a sociedade apoiavam o direito comum da terra e das fábricas, mas através da camaradagem. Marx concordava com os socialistas, mas a estes chamava de socialistas utópicos, por que objetivavam tal igualdade de forma otimista. Faltava uma teoria política e econômica para que a população sentisse de maneira coerente e racional o desenvolvimento socioeconômico. Tal teoria que Marx queria criar é uma linha ideológica e científica com sua raiz no socialismo utópico.²⁸

Em síntese, Marx analisou o processo de produção de bens e sua distribuição. Toda a análise marxista é materialista e científica. Em sua essência, havia três correntes predominantes no século XIX na Europa: “a filosofia clássica alemã, a economia política clássica inglesa e o socialismo francês”²⁹. Não era uma filosofia qualquer e tampouco havia uma força divina agindo no sistema. Ressaltando esses três seguimentos, Felizardo menciona que o marxismo foi uma “revolução na filosofia” e na política, pois Marx reelaborou “o pensamento filosófico e político social da humanidade”. A economia é a base de tudo. Ao observar as diferenças sociais entre o proletariado e a burguesia, ele criou a dialética materialista.³⁰

Conforme Heraldo Barbuy (1977), o marxismo ambiciona ser uma filosofia soberana na história, mas não tem condições de explicar porque existem culturas tão diferentes e realidade inerente das personalidades. O marxismo prega a abdicação da propriedade privada, suprimindo assim as desigualdades sociais, mas esquecendo que desde os tempos primórdios já havia essa desigualdade.

Cordeiro (2002) ressalta que a “infra-estrutura”³¹ determina a superestrutura³² e que as relações de produção são geradas pelo desenvolvimento das forças produtivas, procurando mostrar de forma conclusa este aparato. A infra-estrutura não determina a razão das transformações na figura de organizações sociais.

O socialismo utópico esteve presente de forma fragmentada em todos os países, tanto em sua filosofia, como nas ações dos “pobres e operários”, esperando que as transformações econômicas e sociais acontecessem de cima para baixo, ou seja, que a iniciativa fosse por parte dos grandes proprietários. Diante da busca pela igualdade de classes, por parte dos socialistas, e sem grandes sucessos, Marx e Engels, em 1848,

²⁸ FELIZARDO, 1978, p. 66-68.

²⁹ FELIZARDO, 1978, p. 67.

³⁰ GAARDER, 2000, p. 246-252.

³¹ A Infra-estrutura é a constituição de forças produtivas e os que não são proprietário dos meios de produção.

³² A Super-estrutura é constituída pelas instituições jurídicas e políticas, religião, arte, etc. O conflito entre a infra-estrutura com a super-estrutura abre espaço para a transformação da super-estrutura.

levantam um clamor universal dizendo: “proletariados de todos os países, uni-vos!”. Muito embora no início não houvesse uma resposta massiva, em menos de 20 anos a maioria dos países da Europa Ocidental unindo-se formaram a Associação Internacional de Trabalhadores.

Marx e Engels escreveram no Manifesto do Partido Comunista, sobre a luta de classes, onde o proletariado (classe operária) é explorado pela burguesia (classe dominante). Ele faz grandes críticas aos burgueses, pois esses assalariam o operário simplesmente para que sobrevivam. As indústrias são classificadas como um sistema militar, ou seja, hierarquizadas. Mas para que haja revolução, Marx diz que os operários devem usar os meios de comunicação “criados pela grande indústria” para manter contato com os operários de outras cidades ou países, pois de todas as classes que existem, somente o proletariado pode ser considerado revolucionário.

Logo, o marxismo surgiu como necessidade histórica, numa época em que o capitalismo já se havia fixado em diferentes países da Europa e na América do Norte, época em que as contradições entre o proletariado e a burguesia foram se acentuando.³³

Conforme Felizardo, não demorou muito para que as teorias marxistas se difundissem em uma sociedade que clamava contra a opressão da burguesia e contra o capitalismo fixado na Europa e na América do Norte. Na Rússia, o pensamento de Marx e Engels chegou em 1850 através de artigos. O Manifesto do Partido Comunista chegou em 1880, mas com publicações limitadas por causa da vigilância russa. O grande percussor do marxismo na Rússia foi Lenin através do grupo “União de Luta pela Emancipação da Classe Operária.”³⁴

Uma questão bastante interessante que Cavalcanti aborda é que “a natureza humana caída é egoísta” e toda a sua tentativa de transformação resultará em lutas sanguinárias geradas pelo ódio da oposição e por sua vez, imporá o seu legalismo. Pela linha de raciocínio de Cavalcanti, pode-se considerar que a teoria revolucionária de Marx é contra essa “natureza caída e egoísta”, pois a ambição da burguesia é cada vez maior, não olhando para a necessidade do outro. Porém, para ser realizada essa revolução, as lutas sanguinárias são conseqüências certas. Conforme Marx, a “burguesia não forjou apenas armas que lhe darão a morte; também engendrou os que empunharão essas armas: os operários modernos, os proletariados” e assim que vencida essa luta, é gerado um proletariado legalista, isto é, a forma de pensar será político e nenhuma outra forma de pensamento poderá ser manifestado e o sistema então instaurado não poderá ser questionado.³⁵

³³ FELIZARDO, 1978, p. 67.

³⁴ FELIZARDO, 1978.

³⁵ MARX e ENGELS, 2005, p. 34.

Outra crítica que Marx faz no Manifesto é contra a religião querendo aboli-la e Lenin afirma que somente o marxismo livraria o proletariado da “escravatura espiritual.”³⁶ Porém, para Maquiavel a religião é respeitável pelo seu vigor social, admirando muito mais os fundadores das religiões do que reis e governadores, pois estas têm forte caráter influenciador nas sociedades. Maquiavel diz que “onde há religião, facilmente se podem introduzir armas, mas onde existem as armas e não a religião, esta só com dificuldade pode ser instaurada.”³⁷

A grande oposição que Marx tinha com o cristianismo não é só por se tratar de uma religião, mas por este ter influência direta no Estado. E com razão e respaldo bíblico Marx faz tal crítica ao cristianismo, pois em um de seus discursos Jesus diz: “Daí, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22:21), ou seja, que não se deve misturar Estado com religião. O judeu deve romper com o judaísmo, mas não se converter ao cristianismo, sendo que o cristão também deve romper com o cristianismo e ser livre da alienação.

3.2 Âmbito social

Marx, assim como outros de sua época, defende a igualdade num todo, onde será criada uma sociedade na qual se dissipará a diferença entre “ricos e pobres, grandes e pequenos, entre senhores e servos, entre governantes e governados” também sem a distinção de idade e sexo. Essa igualdade está ligada diretamente com a obrigação do trabalho, mas sem diferenças salariais.³⁸

Ainda temos Marx falando dos “gritos” da burguesia dizendo “[...] mas vós, comunistas, quereis introduzir a comunidade das mulheres [...]”. A burguesia queria simplesmente a mulher como “instrumento de produção” e não como alguém participante na sociedade. Marx ainda relembra que desde muito tempo já havia as comunidades das mulheres.

Aliás, não há nada mais ridículo do que essa indignação profundamente moral de nossos burgueses contra a comunidade das mulheres oficialmente instauradas pelo comunismo. Os comunistas não precisam introduzir a comunidade das mulheres; estas quase sempre existiram.³⁹

Marx diz que “[...] a burguesia rasgou o véu de emoção e de sentimentalidade das relações familiares e reduziu-as a mera relação monetária,”⁴⁰ ou seja, além de casamentos realizados por apenas interesses, o próprio tempo de relação entre os membros de uma família não tinham tempo fraternal. Portanto, mesmo informal e indiretamente, a relação que o comunismo almejava para a família é, ao menos, a que os primeiros cristãos gozavam.

³⁶ LENIN, 1978, p.78.

³⁷ MAQUIAVEL, 1987 apud NENDEL, 1996, p. 47.

³⁸ FELIZARDO, 1978, p. 44.

³⁹ Marx, 2005, p. 55.

⁴⁰ MARX e ENGELS, 2001, p. 7.

3.3 Ideologia universalizadora

Já no comunismo Marx conclamou: “UNI-VOS.”⁴¹

Sabe-se que o tema principal do Manifesto do Partido Comunista é a “Luta de Classes.” Porém é importante ressaltar o caráter universalizador quando o grito de “proletários de todos os países, uni-vos” ecoou por diversos países.

[...] o marxismo converteu o socialismo de uma utopia em uma ciência, esclarecendo que a grande tarefa do partido político revolucionário consiste em organizar a luta de classe do proletariado e dirigir esta luta, cujo objetivo final é a conquista do poder político e a organização da sociedade socialista.⁴²

O antigo Israel acreditava ser o povo escolhido de Deus e que seria enviado o Messias para estabelecer o Reino de Deus. Marx era um israelita, que segundo Berdiaev, mesmo perdido a fé em Deus e se tornado um materialista ele absorve a idéia messiânica. O proletariado é “el mesías, el libertador y el salvador de la humanidad.”⁴³ Berdiaev ainda reforça a idéia messiânica no marxismo:

“Su lado objetivo, moral y religioso, ligado a la idea de la misión universal del proletariado, a la lucha de clase y la justicia absoluta, que ha de nacer de esta lucha. La idea del mesianismo proletario, la idea de que el proletariado tiene una misión especial que cumplir en el mundo, que está llamado a libertar a la humanidad, a procurarle fuerza y felicidad, a resolver todas las cuestiones angustiosas de la vida...”⁴⁴

Nesta investida para a fermentação ideológica, o marxismo procurou o caminho para o “boom” de sua mensagem. O marxismo investiu fortemente nas massas trabalhadores, pois eles eram a mola propulsora para a revolução proletária⁴⁵, eram o próprio messias que salvaria o mundo do julgo e exploração da burguesia estabelecendo na terra seu reino de igualdade política e econômica.

Está mais do que na hora de os comunistas exporem abertamente ao mundo inteiro suas concepções, seus objetivos e suas tendências e de contraporem à lenda do espectro do comunismo um partido do manifesto. Com esse objetivo, comunistas das mais diversas nacionalidades reuniram-se em Londres para definir as grandes linhas do manifesto que segue, o qual será publicado em inglês, francês, alemão, italiano, flamengo e dinamarquês.⁴⁶

Uma questão importante a ser ressaltada é o Congresso realizado em 1847 em Londres. Neste congresso foi que Marx disse como o comunismo seria estabelecido e um dos resultados foi o Manifesto do Partido Comunista. Mesmo sendo publicado quase meio século depois, o Manifesto do Partido Comunista foi a ferramenta teórica que Marx e Engels usaram para divulgar os ideais comunistas e sua impressão em diversos países e idiomas

⁴¹ Marx, 2005, p. 84.

⁴² FELIZARDO, 1978, p. 67-68.

⁴³ BERDIAEV, 1961.

⁴⁴ BERDIAEV, 1961, p. 27.

⁴⁵ SADAR, 1991. p. 23-25.

⁴⁶ MARX e ENGELS, 2001, p. 21.

foi fundamental. Mesmo quando o editaram, já haviam acontecido algumas transformações na Europa e seus princípios ainda eram válidos.⁴⁷

4 Cristianismo x Marxismo: semelhanças e diferenças

4.1 A questão do Estado

O Estado laico é aquele que não é um estado religioso ou não tem religião oficial, não pode reprimir aqueles que professam alguma fé, pois ela faz parte da cultura do homem, desde as sociedades primordiais. Quando a religião tem aliança com o Estado está respaldada para impor suas dogmáticas e oprimir de forma excludente aqueles que seguem outra religião.

Diante desta conjuntura a situação do cristianismo primitivo sob o julgo do Império Romano, havia um grupo de pessoas que estava à margem da sociedade da época e eram perseguidos pelo Império.

Sob estas circunstâncias, Cavalcanti⁴⁸ destaca que os cristãos realizavam seus cultos às escondidas, buscando na religião cristão a fuga para a sobrevivência e liberdade. Em meio à luta pela sobrevivência, não havia tempo para a elaboração de um projeto sociopolítico que levasse à revolução.

O próprio Império Romano não admitia a presença de cristãos na participação política do Estado, para evitar qualquer forma de manifestação deste grupo que crescia cada vez mais, de maneira que viesse a interferir e influenciar a sociedade. No século III da era cristã, o Império Romano viu no cristianismo o caráter ideológico universalizador o suporte para a estrutura imperial.

Para obtenção de liberdade de culto, “não se pode negar a influência das circunstâncias no pensamento dos homens e dos grupos sociais.”⁴⁹ E neste mesmo século, o cristianismo acabou sendo reconhecido como religião oficial do Império Romano e viu no cristianismo o caráter ideológico universalizador como suporte da estrutura imperial. Mas não serão analisadas aqui as causas e consequências desta ascensão. Estes fatos não são acidentais, eles fazem parte do processo histórico.

A própria elaboração da ideologia marxista e os próprios comunistas também encontraram resistência e repressão ao longo da história.

Esta resistência é encontrada na burguesia que detinha os meios de produção, explorando assim a mão-de-obra operária. Assim como os cristãos da igreja primitiva, pelo menos a maioria lutava para se estabelecer como participantes da sociedade e o proletário também devem agir assim.

⁴⁷ HOBBSAWM, E. J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

⁴⁸ CAVALCANTI, 2002, p. 105.

⁴⁹ CACALCANTI, 2002, p. 106.

Não se trata do que este ou aquele proletário, ou mesmo o proletariado em seu conjunto, possa representar-se em um dado momento como objetivo. Trata-se do que o proletariado é e do que está obrigado a fazer historicamente, de acordo com esse ser.⁵⁰

Ao longo da história, também muitos militantes do comunismo buscaram se inserir com participantes ativos na sociedade, mas não diferentes dos cristãos, foram perseguidos, torturados e muitos mortos. Suas reuniões eram secretas e lá discutiam como seus planos estratégicos para chegarem ao poder.⁵¹

O comunismo marxista considera basicamente na sociedade é a luta de classe, e abole como Marx e Engels declaram as outras ramificações das estruturas sociais.

Aplicar a mesma forma de análise social a todas as sociedades como se o sistema fosse o mesmo é desconsiderar as diferenças do sistema cultural. A separação entre Igreja e Estado para este ser laico é viável. Mas transformar o homem simplesmente num ser politicamente “consciente” é abstrair a livre criatividade do imaginário humano. Isto é, sua forma de agir, pensar e expressar será abolida da consciência humana. Como Barbuy diz “[...] ao operariado enquanto operariado, desligado de sua língua, de sua nação, de sua família, de sua cultura e de si mesmo; desligado em suma de tudo o quanto o torna um indivíduo real e concreto.”⁵²

Marx diz que quando “o mundo antigo iniciou o declínio, as religiões antigas forma suplantadas pela religião cristã.”⁵³ Esta foi usada pelo Estado Romano para se consolidar e unificar os povos que pertenciam ao seu Império, suprimindo as demais crenças religiosas. Mas como se sabe isso não teve êxito absoluto, pois serviu apenas para o benefício próprio dos cristãos. Os que eram perseguidos agora eram perseguidores.

Como já vimos no primeiro capítulo, o cristianismo através de sua conduta moral, social e ética se destacava entre outras comunidades. Este assistencialismo prestado às outras comunidades chamou a atenção do Império para ser usado em benefício próprio. Nisto se concorda com Marx quando diz que “Idéias religiosas, morais, filosóficas, políticas, jurídicas, etc. modificaram-se no curso do desenvolvimento histórico”. Então, a religião pode ser usada como instrumento manipulador, deslocando o seu papel junto da sociedade de cuidar do ser como indivíduo dotado de humanismo e sentimentalidade. Mas para Marx, o homem é apenas um ser social e este se faz pelo seu trabalho. Se todo o homem é caracterizado pelo seu trabalho, as diversidades culturais são ignoradas por Marx, pois ele esqueceu que o indivíduo nasce em sociedades e culturas diferentes e que sua formação como ser está em suas raízes.⁵⁴

Marx quer abolir as bases estruturais das sociedades e para tanto diz que:

⁵⁰ MARX e ENGELS. *La sagrada família*. México: Grijalbo, 1967. p 102.

⁵¹ BIZ, Osvaldo. (Org.) *Sessenta e quarto: para não esquecer*. Porto Alegre: Literalis, 2004, p. 135.

⁵² BARBUY, Heraldo. *Marxismo e Religião*. 2 ed. São Paulo, SP: Convívio, 1977, p. 68.

⁵³ MARX e ENGELS, 2001, p. 58.

⁵⁴ BARBUY, 1977, p. 38-40.

Idéias religiosas, moral, filosóficas, políticas, jurídicas, etc. modificaram-se no curso do desenvolvimento histórico. A religião, a morais, a filosofia, a política e o direito mantiveram-se constantes no bojo dessas mudanças. Além disso, há verdades eternas, como Liberdade, Justiça, etc., que são comuns a todos os regimes sociais. Mas o comunismo abole as verdades eternas, abole a religião e a moral, em vez de lhes conferir nova forma; portanto, contradiz todos os desenvolvimentos históricos ocorridos até hoje.⁵⁵

Então a questão é como abolir a consciência religiosa em uma comunidade primitiva africana ou indígena que não há consciência e diferença de classe? Nestas comunidades todos trabalham juntos para o sustento comum de sua comunidade. E Marx diz mais, "A história de toda a sociedade até hoje gira em torno de oposições de classe, que assumiram diversas formas nas diferentes épocas."⁵⁶ Sem uma classe dominante que explora a mão-de-obra daqueles que trabalham a religião tem o papel de orientação espiritual, moral e ética. A religião não é elemento alienador nestas comunidades, mas faz parte da cultura. Algo que o Estado laico não tem poder de fazer.

Como o cristianismo nasceu no seio da comunidade judaica, esta por sua vez era um Estado teocrático. Todas as leis que regiam o Estado eram baseadas na Lei de Moisés.

Tanto o Cristianismo quanto o marxismo desenvolveram ao longo da história um papel importante. Um inicialmente trabalhava pelo viés sócio-religioso, enquanto o outro pelo sociopolítico. Num primeiro momento, pelo já visto, o cristianismo tinha o seu papel social, prestando assistência aos necessitados e não se envolvendo em assuntos do Estado. Porém, o que ocorreu foi que a sua participação no Estado não foi diretamente provocada pelas bases, ou seja, pelos seguidores do cristianismo. Foi o Imperador Constantino que levou o cristianismo ao topo da pirâmide imperial⁵⁷ e por uma mobilização dos cristãos.

O marxismo, por sua vez, enquanto ideologia só poderia pôr em prática assim que se consolidasse como poder absoluto do Estado. Mesmo que houvesse muitos seguidores, a igualdade de classe, a participação da mulher na sociedade, o fim do capitalismo, etc. só poderia ser realizado com através do poder absoluto.

Friedrich Engels observa que:

A história do Cristianismo primitivo tem notáveis pontos de semelhanças com o movimento moderno da classe operária. Como este, o Cristianismo foi em suas origens um movimento de homens oprimido: no princípio apareceu como religião dos escravos e dos libertos, dos pobres despojados de todos os seus direitos, dos povos subjugados ou dispersados por Roma. Tanto o Cristianismo como o Socialismo dos operários pregam a eminente salvação da escravidão e da miséria; o Cristianismo coloca a salvação numa vida futura, posterior a morte, no céu. O Socialismo coloca-a neste mundo, numa transformação da sociedade. Ambos são perseguidos e acoitados, seus adeptos são desprezados e convertidos em objetos de leis exclusivas, os primeiros como inimigos da raça humana, os últimos como

⁵⁵ MARX, 2001, p. 58.

⁵⁶ MARX, 2001, p. 58.

⁵⁷ CAVALCANTI, 2002, p. 107.

inimigos do Estado, inimigos da religião, da família, da ordem social. E apesar de todas as perseguições; mais, inclusive alentados por elas, avançam vitoriosas e irresistivelmente. Trezentos anos depois de sua aparição, o Cristianismo foi reconhecido como religião de Estado no império mundial romano, e em sessenta anos apenas o socialismo conquistou uma posição que torna absolutamente segura sua vitória.⁵⁸

Concordamos com Engels quando ele diz que o “Cristianismo primitivo tem notáveis pontos de semelhanças com o movimento moderno da classe operária”. Porém no que diz respeito ao cristianismo ser “inimigo da raça humana” Engels se equivoca, pois segundo o que já se viu, a religião Cristã procurava trazer conforto, segurança, esperança e assistencialismo às comunidades necessitadas. Se fosse inimiga da raça humana, o amor ao próximo seria a maior hipocrisia de Jesus e seus seguidores.

Quanto ao tempo que cada um levou para ser reconhecido, temos que analisar o objetivo de ambas correntes. O cristianismo não demonstrava o interesse por posição e *status*, só queria ter o seu lugar como participante na sociedade. Eles não traçaram nenhum projeto político revolucionário para transformar a estrutura do Estado. O seu objetivo principal era a salvação espiritual apresentando a recompensa seria recebida após a morte, no céu. As boas obras eram uma consequência da fé. O marxismo surgiu como oposição ao capitalismo, portanto, seu projeto era revolucionário. Este sim almejava as transformações em todas as esferas sociais. Trabalhou para que o proletário tivesse a consciência de classe e estes lutassem contra a burguesia.

Tendo em sabido estas circunstâncias é perceptível o motivo pelo qual o cristianismo levou trezentos anos para ser reconhecido em Roma e o marxismo apenas 60 anos.

4.2 O Chamado: “uni-vos” e “ide”

Ao longo da história é visto que para um líder conseguir disseminar sua ideologia é indispensável ter apoio da população. Esse apoio só será encontrado caso a proposta esteja, ao menos em partes, em conformidade com as necessidades do povo.

Essa mobilização, geralmente, é feita através de uma frase de impacto. No cristianismo encontramos a última ordenança de Jesus que diz “Ide, portanto, fazei discípulo de todas as nações [...] ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado.”⁵⁹ Para o cristianismo este chamado para o “ide” foi importante, pois Jesus não queria que seus ensinamentos ficassem somente em Jerusalém e com aqueles que eram seus seguidores. Todos que acompanharam sua trajetória deveriam ir para outras regiões do mundo para “fazer discípulo”, ou seja, seguidores da ideologia de seu mestre.

O primeiro a obedecer foi o apóstolo Paulo. Mas por volta da primeira metade da década de 30 do primeiro século alguns cristãos deixaram Jerusalém devido a perseguição

⁵⁸ KARL MARX E ENGELS, 1984 apud FREI BETO, 1991, p.417.

⁵⁹ Mateus 28:19-20.

aos cristãos⁶⁰ e com a destruição do templo de Jerusalém por volta de 70 a.C., porém no início não havia diferença entre cristãos e judeus e todos foram espalhados por diversas regiões do mundo antigo.

Paulo foi o pioneiro na expansão do cristianismo. E assim como em Londres pelos comunistas, também em Jerusalém houve um conferência⁶¹ onde Paulo defendia a inclusão dos gentios, ou seja, os não judeus, no cristianismo sem praticarem rituais da tradição judaica como, por exemplo, a circuncisão. O apóstolo Paulo se ateve a alcançar os gentios “ultrapassando as fronteiras judaicas e levando a proposta de salvação em Jesus às mais diversas culturas de seu tempo.”⁶² Como esta investida de Paulo fora de Jerusalém e, também, suas propostas sociais conquistou vários adeptos à nova religião.

Um aliado que o cristianismo teve para divulgar e expandir os ensinamentos pelo Império Romano foi o idioma grego⁶³, enquanto o Manifesto do Partido Comunista foi escrito em diversos idiomas.

Antes de Marx e Engels elaborarem o projeto de transformação das estruturas sociais já havia teorias socialistas, porém a teoria comunista-marxista foi uma elaboração científica na qual apresentava como os proletários deveriam agir para a tomada do poder. O ponto de partida para essa transformação está na conclamação de Marx: “Proletários de todos os países, uni-vos”, pois não era um apelo só para os alemães ou ingleses, mas para todos que estavam sendo explorados.

Um fato interessante a ressaltar aqui é que qualquer projeto ideológico começa com uma visão local com o objetivo de internacionalizar tanto na teoria quanto na prática. Foi isso que ocorreu com o cristianismo primitivo e com o comunismo marxista.

A época da reanimação dos movimentos democráticos, no final dos anos 50 e nos anos 60, levou Marx a voltar ao trabalho prático. Foi em 1864 (em 28 de Setembro) que se fundou em Londres a célebre I Internacional, a "Associação Internacional dos Trabalhadores". Marx foi a sua alma, sendo o autor do primeiro "Apelo" e de um grande número de resoluções, declarações e manifestos. Unindo o movimento operário dos diversos países, procurando orientar numa via de atividade comum as diferentes formas do socialismo não proletário, pré-marxista [...].⁶⁴

Até a formação da “I Internacional”, todos os movimentos operários estavam fragmentados, mas foi a partir de então que os movimentos operários se uniram, tendo assim um pilar ideológico em comum. Esta conferência em Londres foi a mola propulsora para que Marx conseguisse unificar universalmente ou internacionalmente entre as classes trabalhadoras as suas idéias. Eis o apelo que fez : “Proletário de todos os países, uni-vos.”

⁶⁰ DACANAL, p. 204.

⁶¹ ATOS cap. 15.

⁶² HISTÓRIA VIVA, Grandes Religiões - Cristianismo, nº1, p. 27.

⁶³ CAVALCANTI, 2002, p. 67.

⁶⁴ <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1914/marx/index.htm>

5 Conclusão

A difícil tarefa de trabalhar com pensamentos ideológicos que hoje, de um modo geral, são antagônicos, e de contextos históricos que se diferem foi um grande desafio. Cogitar as semelhanças e diferenças entre o comunismo marxista, em sua fase inicial, e o cristianismo primitivo de forma que supostamente houve uma influência do cristianismo no marxismo, se analisado o âmbito social e suas ideologias. Mas como problemática, foi necessário analisar todo o contexto histórico de ambas as temáticas, em suas origens, e verificar como se propagou suas idéias e suas oposições. Mas notoriamente se pode destacar suas oposições ideológicas: uma trabalha por uma óptica materialista e a outra idealista vinculada diretamente ao espiritual.

Ao tentar solucionar essas questões, se pode perceber que a principal característica unificadora entre o comunismo e o cristianismo é a igualdade social, independente de cultura, nação raça, etc. Porém o grande diferencial é a forma como essa igualdade é alcançada: o comunismo dá-se pela revolução, já o cristianismo por um viés socioreligioso. A raiz judaica em Marx tornou as suas ideias num messianismo, isto é, a salvação do mundo está nas mãos dos proletários e estes acabaram assumindo o papel de messias. Entre outras palavras, é a auto-salvação, a sua luta é para o seu benefício. Já o cristianismo crê que o messianismo se cumpriu em Jesus. A luta por uma ascensão social não fazia parte dos interesses cristãos, pois acreditavam na recompensa celestial.

O cristianismo primitivo era um sistema comunista primitivo, não pretendendo revolucionar a sociedade, mas propagar tudo o que haviam aprendido nessa nova religião, pois tendo em sua maioria os pobres, estes seriam sustentados por aqueles que possuíam bens.

O marxismo foi uma filosofia materialista que o exaltou e não uma força divina agindo no sistema. Mas para que essa atingisse o seu objetivo o proletariado deveria se unir e promover a revolução contra a burguesia. Porém, mesmo verificando que religião e o Estado devem estar separados, é notório que as religiões têm forte atitude importante nas sociedades. Jesus não ansiava por uma reforma sociopolítica, mas em paralelo, as pregações de Jesus não rompiam o elo entre a fé e a ordem sociopolítica, tal qual foram praticadas pela comunidade cristã. Em outras palavras, como já foi dito, as obras eram uma consequência da fé cristã.

Muitos fatores que o comunismo buscava alcançar, o cristianismo já tinha conquistado, por exemplo: a relação familiar, os bens comuns, a propagação de todas suas ideias, etc. Pois o cristianismo agia na sociedade de “dentro para fora” e o comunismo de “fora para dentro”.

Jesus não ansiava por uma reforma sociopolítica, mas em paralelo, as pregações de Jesus não rompiam o elo entre fé e política social, tal qual foram praticadas pela comunidade cristã.

Portanto, conclui-se que o cume mais alto atingido por ambas as ideologias foi chegar ao poder: o cristianismo no Império Romano e o comunismo na antiga União Soviética. E até os dias de hoje as sociedades são influenciadas por suas ideologias.

6 Referências

- BARBUY, Heraldo. Marxismo e religião. 2 ed. São Paulo: Convívio, 1977.
- BETO, Frei. Cristianismo e marxismo. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BERDIAEV, Nicolas. El cristianismo y el problema del comunismo. 8 ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1961.
- BÍBLIA de Estudo Plenitude. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.
- BIZ, Osvaldo. (Org.) Sessenta e quarto: para não esquecer. Porto Alegre: Literalis, 2004.
- BOTTOMORE, Tom. Dicionário do pensamento marxista. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- BUCKLAND, A. R. Dicionário bíblico universal. São Paulo: Vida, 1995.
- CAVALCANTI, Robinson. Cristianismo & política: teoria bíblica e prática histórica. Viçosa: Ultimato, 2002.
- DACANAL, Jose Hidebrando. Eu encontrei Jesus: viagens as origens do ocidente. 2 ed. Porto Alegre: Leitura 21, 2004.
- DREHERR, Martin. A igreja no Império Romano. 7 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1993. (Col. História da Igreja, 1).
- FELIZARDO, Joaquim José. As duas grandes revoluções: concepções políticas e ideológicas. Porto Alegre: EST, 1978.
- GAARDER, Jostein. O livro das religiões. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- GONZÁLES, Justo L. Uma História ilustrada do cristianismo - Vol. 1: a era dos mártires. São Paulo: Nova vida, 2007.
- HOBBSAWM, E. J. A era das revoluções: Europa 1789-1848. 22 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- JOSEFO, Flávio. História dos hebreus. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2001.
- KASCHEL, Werner. Dicionário da Bíblia de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- HISTÓRIA VIVA, Os primeiros cristãos, Ano II – n.º17- SP, 2005
- HISTÓRIA VIVA, Grandes religiões 1 – Cristianismo, n 1.
- MARX, Karl. A questão Judaica. São Paulo: Moraes, 1991.
- MARX, Karl. Manifesto do partido comunista. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- NEDEL, José. Maquiavel: concepção antropológica e ética. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- SADER, Eder. Marxismo e teoria da revolução proletária. São Paulo: Ática, 1991.
- STRÖHER, Marga J. A igreja na casa dela. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, 1996.

